



ENDOMETRIOSE NO CENÁRIO FEMININO

BÁRBARA TACIELI SÁ BRITO; JÉSSICA DA SILVA SALUSTIANO; MARLENE GUIMARÃES SANTOS; THAÍS PORTO DO CARMO

RESUMO

A Endometriose é uma doença progressiva e estrogênio-dependente, caracterizada como um distúrbio do tecido endometrial de maneira ectópica, de etiopatogenia indefinida. Consta-se como seus sintomas centrais: ciclos menstruais irregulares com menstruações intensas e prolongadas e fortes dores. Dessa forma, tem-se como objetivo neste resumo promover visibilidade a patologia abordada de maneira que seja levado em consideração a grande desinformação e o descaso da sociedade civil e dos profissionais da saúde. Fator observado, no relato da paciente Ana Paula, reflete a realidade da endometriose no sistema público de saúde no Brasil, com diagnóstico e tratamento tardio, além das constantes internações e uso intensivo de fármacos, minimizando a Qualidade de Vida das mulheres, provocando consequências físicas e psicológicas na sua vida profissional e pessoal. Vê-se como resultado dessa pesquisa a necessidade de mudanças no cenário médico e social, com maiores investimentos e divulgação da doença em questão, quebrando estigmas impostos à mulher.

Palavras-chave: Doença ginecológica; Saúde da Mulher; Saúde Pública

1 INTRODUÇÃO

A endometriose, uma das principais causas de hospitalização ginecológica em países industrializados, é uma doença progressiva, imuno e estrogênio-dependente, de caráter crônico, sendo substancialmente caracterizada como um distúrbio do tecido endometrial funcional de maneira ectópica (BENTO; MOREIRA, 2014).

Com estudos, foi comprovado que sua prevalência em mulheres se dá, principalmente, na idade reprodutiva, representando cerca de 10 a 15% (MARQUI, 2014). É importante ressaltar que o conceito Mulheres em Idade Fértil (MIF), no Brasil, corresponde a uma diferente faixa etária quando comparada à definição internacional, na medida em que engloba a faixa etária de 10 a 49 anos, e não somente dos 15 a 49 anos. Sendo assim, de acordo com a concepção nacional adotada, o MIF traduz em uma maioria da população feminina brasileira, visto representar 51,6% dessa, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). (SOUZA; ANDRADE, 2020).

Apesar de atingir milhões de mulheres pelo mundo, ainda hoje não há estudos que comprovem uma teoria definitiva de sua etiopatogenia, tornando-se assim, geralmente, referida como uma soma de fatores hormonais, genéticos, imunológicos e ambientais. (BRAGANÇA, 2013). Consta-se como seus sinais e sintomas centrais: ciclos menstruais irregulares com menstruações intensas e prolongadas e fortes dores. (BENTO; MOREIRA, 2014). Ainda, mesmo ser frequentemente referenciada como uma patologia muito dolorosa, a qual afeta de forma notória a própria Qualidade de Vida das pacientes, é importante ressaltar

que há casos, nos quais a endometriose se dá de forma silenciosa, sendo necessário, mesmo assim, seu diagnóstico e tratamento, visto a possibilidade de evolução da doença. (MORETTO et al., 2021).

Devido à banalização e a negligência dos sintomas, à inconclusão das causas da patologia e à ineficácia de exames tradicionais menos invasivos, o diagnóstico, assim como seu tratamento, em sua totalidade, torna-se complexos e tardios. Inclusive, de acordo com um levantamento feito em 2020 pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mulheres levam de 8 a 10 anos para receberem a identificação definitiva da doença.

No entanto, por se enquadrar como uma doença progressiva torna-se essencial seu diagnóstico precoce. Portanto, nota-se um problema de abrangência a saúde pública, como considerado desde 2021 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), à medida que afeta aspectos físicos, psicológicos e econômicos de no mínimo 10% da população feminina brasileira em idade reprodutiva, totalizando, aproximadamente, 8 milhões de mulheres acometidas por ela, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), assim como o sistema de saúde e o país como um todo.

Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo promover a visibilização da doença, descrevendo as características fundamentais por meio da conceituação da endometriose, da análise de como a doença afeta fisicamente e psicologicamente a mulher e da motivação do diagnóstico complexo e, majoritariamente, tardio da patologia, levando em consideração a desinformação e o descaso da sociedade civil e dos profissionais da saúde.

2 MATERIAS E MÉTODOS

O método utilizado na presente pesquisa foi uma análise descritiva, na qual foram utilizadas publicações científicas, como artigos, consultadas nas bases de dados eletrônicas, Scielo, Pepsic, Lilacs, Google Acadêmico e BVS. Os descritores utilizados foram sobre a endometriose e um relato de caso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o caso de Ana Paula, foi possível relacionar o quadro clínico com as pesquisas realizadas sobre a doença, visto principalmente a faixa etária da paciente (32 anos) estar inclusa em uma das idades de maior ocorrência da endometriose, por estarem em idade fértil, como observado na tabela abaixo.

Gráfico 1: Distribuição da faixa etária dos pacientes com endometriose

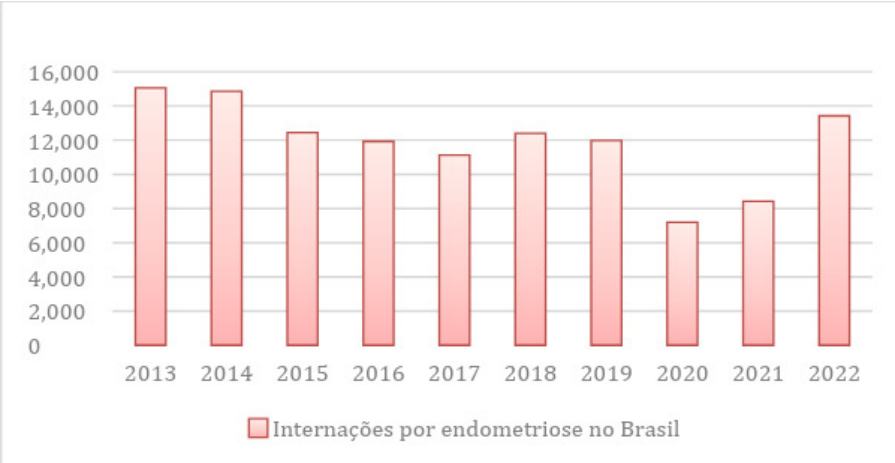
Faixa Etária	Total
--------------	-------

1 a 4 anos	30
5 a 9 anos	5
10 a 14 anos	148
15 a 19 anos	979
20 a 29 anos	8.293
30 a 39 anos	28.806
40 a 49 anos	50.717
50 a 59 anos	18.213
60 a 69 anos	8.351
70 a 79 anos	3.359
80 anos ou mais	566

Fonte: (COSTA, 2023)

Além da correlação da faixa etária, os sintomas dissertados pelos artigos, como fortes cólicas, dores durante as relações sexuais, dor pélvica, disquezia e disuria, também são relatados pela mulher, e em sua maioria banalizados pelo corpo social e pouco investigados pelos profissionais da saúde. Tendo como consequência as constantes internações, vistas no gráfico abaixo, e uso desenfreado de medicamentos, na busca de um diagnóstico conclusivo e tratamento eficaz.

Gráfico 2: Internações por endometriose no Brasil



Fonte: (COSTA, 2023)

Nota-se como a paciente se encaixa nas estatísticas quanto ao delay diagnóstico, uma vez que para conseguir identificar definitivamente a doença precisou de 5 longos anos, em um cenário, estabelecido pela tabela abaixo, de 2 a 26 anos, com dores constantes que afetam suas áreas pessoais e profissionais.

Gráfico 3: Delay diagnóstico por idade dos pacientes com endometriose

Participante	Idade	Delay diagnóstico
F1	39 anos	5 anos
F2	31 anos	16 anos
F3	48 anos	3 anos
F4	33 anos	14 anos
F5	23 anos	4 anos
F6	35 anos	16 anos
F7	38 anos	2 anos
F8	40 anos	26 anos
F9	35 anos	3 anos
F10	21 anos	7 anos

Fonte: (BENTO; MOREIRA, 2017)

Fica evidente que com tantas interações no cenário brasileiro é necessário buscar estratégias para uma melhor abordagem como o investimento de estruturas do sistema de saúde pública, visando minimizar a espera de consultas, exames e tratamentos, assim como ampliar a Qualidade de Vida do público acometido por essa patologia.

Ana Paula, comerciante de Porto Velho – RO, de 32 anos relata queixas de fortes cólicas, dores durante as relações sexuais, dor pélvica, disquezia e disuria, que já perduram desde os seus 30 anos, mas precisou de maior enfoque ao atrapalhar seu trabalho, com faltas excessivas e redução da sua produtividade. Preocupada e incomodada com os sintomas, vai em busca de atendimento médico com seu ginecologista.

Durante a realização dos exames clínicos e físicos, notou-se todos dentro da normalidade e sem diagnóstico, solicitando uma ultrassonografia transvaginal a fim de encontrar possíveis síndromes no útero e ovários. Não sendo identificada nenhuma alteração, o ginecologista inclui o uso de anticoncepcionais para minimizar as dores e seu forte fluxo menstrual, solicitando o retorno após 6 meses.

Ao retornar, ela relata melhora temporária do seu fluxo, mas dores mais agudas, o clínico busca meios de investigar melhor, pela ressonância magnética pélvica para analisar possíveis lesões. Com a RM permaneceu sem imagens conclusivas de nenhuma doença ginecológica.

Conforme sugerido e aceito pela paciente, realizou-se o padrão-ouro de diagnose, a videolaparoscopia, encontrando-se diversas lesões endometrióticas profundas na região da pelve, útero, ovários e tubas, com a presença de tecidos endometriais, que já foram retirados com a autorização de Ana Paula, preservando sua fertilidade.

Após tantas complicações durante longos 5 anos, a comerciante descreveu uma melhora significativa em sua rotina, em seus âmbitos pessoais e profissionais.

4 CONCLUSÃO

Observa-se que é uma doença relevante como supracitado e que deve ser discutida, uma vez que se torna questão de saúde pública, tendo em vista as inúmeras interações e consequências para o indivíduo, o sistema de saúde e o país como um todo. Identifica-se como os gastos financeiros e tempo de espera com exames, medicações e consultas sobrecarregam as unidades médicas ao diagnosticar e tratar a doença.

Ainda nesse fato despreza-se a evidente redução da Qualidade de Vida das mulheres acometidas, a qual engloba além do aspecto físico, questões psicológicas, sociais e econômicas, que em sua maioria são carenciadas. Sendo crucial a participação da sociedade e comunidade científica em elevar a visibilidade da endometriose no Brasil.

REFERÊNCIAS

BENTO, Paulo e MOREIRA, Martha. Não há silêncio que não termine: estudo informativo sobre endometriose e seus sinais/sintomas. Revista Enfermagem UFPE OnLine, Recife, 8(2):457-63, 2014. Acesso em: 30 de abril de 2023.

BENTO, Paulo e MOREIRA, Martha. A experiência de adoecimento de mulheres com endometriose: narrativas sobre violência institucional. Ciência Saúde Coletiva; 22(9): 3023-3032, 2017. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-890440> Acesso em: 24 de maio de 2023.

BRAGANÇA, Cristina. Etiopatogenia da Endometriose. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, 2013.

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71754/2/30664.pdf> Acesso em: 1º de maio de

2023.

COSTA, Hidelman. et al. Endometriose no Brasil: perfil epidemiológico das internações nos últimos dez anos (2013-2022). *Brazilian Journal of Health Review*, 2023. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/59738> Acesso em: 24 de maio de 2023.

MARQUI, Alessandra Bernadete Trovó de. Endometriose: do diagnóstico ao tratamento, *Revista Enfermagem Atenção Saúde, Minas Gerais*, v. 3, n. 1, p. 97-105, 2014. <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Endometriosedodiagn%C3%B3stico-ao-tratamento.pdf>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

MORETTO, Enrico Emerim et al. Endometriose. *Revista Promoção e Proteção da Saúde da Mulher, Rio Grande do Sul*, p. 53-64, 2021. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223077/001127613.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 1º de maio de 2023.